



## O Eu & outros demônios – 59 segundos de existência<sup>1</sup>

Paulo Mateusz VASCONCELOS VIANNA<sup>2</sup>

Liziane GUAZINA<sup>3</sup>

Universidade de Brasília, Brasília, DF

### RESUMO

Ao falar em Comunicação, estamos falando dos processos comunicativos e, mais especificamente, dos meios de comunicação. Atualmente, na pós-modernidade, a incessante inserção de informações e simbologias no cotidiano dos indivíduos colocou em segundo plano a capacidade de reflexão do “Eu”. Tendo como base um conto literário, é feita a análise do olhar do sujeito sob a perspectiva da nova noção de tempo, da mídia e do outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** modernidade; mídia; narcisismo; livre-arbítrio; conto literário.

### 1 INTRODUÇÃO

A partir da obra de José Rezende Jr.<sup>4</sup> “A Mulher-gorila e outros demônios” (2005), pretendemos discorrer a respeito da construção – e desconstrução – do “EU”<sup>5</sup> utilizando o conto “59 segundos” como objeto de estudo: o que se passa pela mente de um homem, pai de família, economicamente estável, dentro de seu automóvel com um revólver apontado para sua cabeça?

Um dito popular afirma que conhecemos as pessoas no momento de sua morte. E por meio de um intenso fluxo de pensamentos, sem sequer o uso de vírgulas – recurso muito bem utilizado pelo autor – acompanhamos os 59 segundos decisivos da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 2º. semestre do Curso de Comunicação Social na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: [paulo.v.vianna@hotmail.com](mailto:paulo.v.vianna@hotmail.com)

<sup>3</sup> Profa. Dra. da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: [liziane.g@uol.com.br](mailto:liziane.g@uol.com.br)

<sup>4</sup> Mineiro de Aimorés, José Rezende Jr, vive a quase 30 anos em Brasília trabalhando com jornalismo, como repórter especial do Jornal do Brasil, IstoÉ, O Globo e Correio Braziliense. Abandonou (não definitivamente) o jornalismo, para ministrar oficinas de texto pelo Brasil afora. Em 2005 publicou seu primeiro livro – uma coletânea de 10 contos – e sua segunda obra, publicada em 2009, venceu o Prêmio Jabuti 2010.

<sup>5</sup> Eu = Self. “O self não é visto nem como produto de um sistema simbólico externo, nem como uma entidade fixa que o indivíduo pode imediatamente e diretamente apanhar [...] Self é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente.” Thompson (1995), p. 183.



vida do personagem. Tempo que, apesar de parecer curto, é suficiente para que ele se conheça, ou melhor, se analise. Nós, leitores, então o acompanhamos.

Muitos são os elementos que se fazem presentes e o cercam nesse momento. Criando uma analogia ao título do livro, chamaremos o conjunto deles de demônios da pós-modernidade<sup>6</sup>: (1) o outro, (2) o tempo e (3) a mídia. Sendo eles intimamente interligados, e, portanto, indissociáveis.

Com a intensificação da indústria cultural de massa, diversas mudanças ocorreram – e ainda estão correndo – no universo coletivo e individual cada vez mais globalizado, acelerado, digitalizado e espetacularizado. A nova lógica do instantâneo, que rege esses processos, altera a noção de tempos e espaços, o que implica diretamente na experiência cotidiana e subjetiva dos indivíduos, bem como em seus relacionamentos sociais e afetivos.

O indivíduo, dessa forma, se vê pressionado por todos os lados na formação de sua identidade: tanto pelo que os outros vêm, quanto pelo que ele vê nos outros; informações que recebe em seu dia-a-dia; e limitação temporal imposta pela pós-modernidade.

## 2 OS DEMÔNIOS

“Stop  
a vida parou  
ou foi o automóvel?”  
*Carlos Drummond de Andrade*

É com uma reflexão a partir das palavras de Carlos Drummond de Andrade que desenvolvemos a argumentação: depois da Era Mecânica, e principalmente após o advento da telecomunicação – na Era da Informação – surge um senso de disjunção entre o espaço e o tempo, no qual mensurar o distanciamento espacial não mais implicava no distanciamento temporal, pois a informação – carregada de conteúdo simbólico – passou a ser transmitida por distâncias cada vez maiores em espaços de tempo cada vez menores. Acelerando, assim, a noção que temos de mundo. “A crescente disponibilidade de formas simbólicas mediadas foi gradualmente alterando as

---

<sup>6</sup> HALL, S. Identidades culturais na pós-modernidade. 1997.



maneiras nas quais as pessoas iam compreendendo o passado e o mundo além de seus contextos imediatos” (THOMPSON, 1995, p.38).

O desenvolvimento dos meios de comunicação possibilitou novas maneiras de interação, visibilidade e informação, alterando profundamente o caráter simbólico da vida social no mundo moderno, bem como o processo de formação do self. Os computadores, por exemplo, interconectados através das redes digitais de alcance global – Web 2.0 – foram apropriados como ferramentas indispensáveis para os indivíduos das camadas mais favorecidas da sociedade comunicarem-se, permutarem informações e produtos simbólicos (idem).

A quantidade massiva de dados passou a fomentar diversos tipos de experiências, tanto reais como fictícias, influenciando a definição de *ser* para cada sujeito. Tornando-os cada vez mais dependentes de si mesmos para construir uma identidade que seja coerente ao que lhes convém. Entretanto, como saber o que lhes convém nesse frenesi de informações e enxurrada de produtos simbólicos?

Seguindo a linha de raciocínio histórico que Stuart Hall (1997) propõe acerca do conceito de identidade, têm-se três momentos cruciais:

- 1) A compreensão iluminista de que identidade era única e essencial;
- 2) A de teóricos como Goffman que, por uma percepção dualista entre indivíduo e sociedade, afirmavam que o “eu” se apresentava em diferentes situações sociais;
- 3) Por fim, a ideia defendida por Hall, de que o sujeito pós-moderno é possuidor de uma identidade<sup>7</sup> fragmentada e mutável.

Contextualizada a atualidade, e, a partir do conto de José Rezende Jr., destaco o momento no qual um indivíduo, num mundo tão ágil e frenético como o atual, se encontra em uma situação – forçada – extremamente consoante ao poema “Cota Zero” de Carlos Drummond de Andrade: dentro de seu veículo, ele está sem espaço e sem tempo para reagir. Sua impotência, nesse caso, o leva a um colapso de profunda – e simultaneamente superficial – reflexão. A mídia, o tempo e a presença de outros

---

<sup>7</sup> “Em vez de falar da identidade como uma coisa unificada, deveríamos falar em identificação, e vê-la como um processo em andamento”. Hall (1992), p.39.



personagens o assombram de tal maneira que ele tenta não só retomar o porquê de estar ali, como também o porquê de sua existência.

A voracidade industrialista muitas vezes acaba atropelando a possibilidade de reflexão no mundo pós-moderno, e, de forma inevitável, gera um distanciamento com relação às próprias vivências. Somada a essa atmosfera contemporânea a mudança na visibilidade – cuja notabilidade é cada vez mais cobiçada – têm-se o cenário perfeito para diversos tipos de crise, principalmente as existenciais.

Para Guy Debord, em “A Sociedade do espetáculo” (filme, 1973), o espetáculo vai muito além da onipresença dos meios de comunicação de massa. Usando suas próprias palavras: “o mundo real se converte em simples imagens, e as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico”. Ou seja, os sujeitos pós-modernos, em grande parte, acabam condicionados a seguirem, mesmo que inconscientemente, modelos dominantes de personagens midiáticos.

Nessa recente sociedade cujos indivíduos são “espetáculos de si mesmos para exibir uma intimidade inventada”, onde “só é, o que se vê”. A crescente exposição de símbolos na mídia contemporânea estimula, além do narcisismo<sup>8</sup>, certo voyeurismo e exibicionismo cada vez mais velados. A mera possibilidade de passar despercebido pode se converter no pior dos pesadelos. Isso remete ao pensamento do personagem de José Rezende Jr., “ainda bem que não sou famoso posso morrer anônimo ainda bem o caralho não sejamos cínicos pelo menos uma vez na vida ou pelo menos uma vez na morte tudo o que eu queria era ser famoso” (p.30).

Complementando este raciocínio, tem-se o que Paula Sibila trabalha em “O Show do Eu” (2008), “Em vez de se ressentir por temor a uma irrupção indevida em sua privacidade, as novas práticas dão conta de um desejo de evasão da própria intimidade, uma vontade de se exibir e falar de si”.

Culturalmente, as pessoas têm se tornado muito dependentes da maneira com que as imagens de si mesmas são vistas pelos outros. A preocupação atual com o corpo, por exemplo, reflete mais uma das atitudes narcisistas dessa sociedade do espetáculo, na qual além de estar visível é, sobretudo, necessário estar dentro dos padrões idealizados pelos produtos da mídia. De acordo com pesquisas do SEBRAE –

---

<sup>8</sup> Narcisos: satisfeitos de verem suas “personalidades” cintilando no mais alto pódio da mídia. Sibila (2008), p. 8.



Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – os setores de cosméticos, saúde e beleza apresentaram um crescimento médio de 10,6% nos últimos 13 anos, inusitadamente, uma maior frequência da clientela masculina buscando serviços estéticos (dados de 2011). Segundo o Euromonitor, empresa mundial de pesquisa de mercado, o Brasil é o terceiro maior consumidor de produtos de higiene pessoal e beleza do mundo, atrás somente dos Estados Unidos e Japão.

É nesse novo século, no qual as pessoas se preocupam cada vez mais com a aparência e jovialidade, que está inserido o personagem de “59 segundos”. Conscientemente ele afirma que, apesar de ser saudável e malhar todos os dias, está na “maldita previsível e inescapável crise da meia-idade”. Ironicamente, o CD player responsável pela trilha sonora de sua situação o lembra disso. Dialogando com a música “Ouro de Tolo”, de Raul Seixas, ele enfatiza “Eu tenho emprego sou cidadão respeitável mas não estou contente nem lembro a última vez que estive contente quando o cara chegou batendo no vidro com o cano do revólver eu já era infeliz há muito tempo”.

Em busca da provável afirmação, auto-realização e renovação, o personagem de Rezende Jr. dentro de seu automóvel, num local escuro e discreto, se envolve em um caso com uma jovem, ou “par de coxas”, como o ele prefere denominá-la. Acabando frente a frente com um bandido que pode ser o provável responsável por sua morte.

O assaltante, quem desencadeia todo o processo por meio do revólver que porta, exemplifica e contrasta contextos de mundos divergentes que subitamente se convergem, como exposto no monólogo mental do personagem:

Porra mas o senhor sabe como são as crianças de hoje em dia o senhor é que tá certo nunca levou seus filhos ao McDonald’s esse negócio de fast-food a globalização o senhor sabe começa pelo estômago o McDonald’s é a ponta de lança deste modelo neoliberal que enriquece os ricos e empobrece os pobres o senhor sabe o senhor é mais uma vítima do desemprego gerado pelo sistema econômico desumano.<sup>9</sup>

Já a jovem está personificada como o “maldito sentimento de culpa que não nos abandona nem agora na hora da nossa morte”, afinal “um par de coxas desses não é

---

<sup>9</sup> REZENDE JR., J. A *Mulher-Gorila & Outros demônios*. p.32



todo dia”, repete insistentemente o personagem ao logo de quase todo o texto, tentando justificar a si mesmo o porquê de estar em tal situação.

É inegável que a formação da identidade, principalmente em momentos de crise, seja modulada pela interação e experiência com os outros no mundo. Mesmo que, a partir de certo ponto, consoante às idéias de Sartre, esses outros se tornem o inferno. Eles, porém, são todos aqueles que acabam nos revelando a nós mesmos, pois, no show de intimidades da contemporaneidade, muitas vezes acabamos por apropriar identidades que o outro julga ser a nossa. Desencadeando, outro tipo de crise: a da aceitação, já que, deseja-se ver refletido no outro somente o melhor si mesmo.

Constituindo, porém, um problema de ordem pragmática, uma vez que, a partir do momento em que o sujeito constrói a concepção de uma pessoa, esta, durante o processo interpretativo, não necessariamente irá apreender o sentido desejado pelo emissor.

Já não tento entender o que o cara fala e o mais estranho é o silêncio ele já não berra coisas naquela língua incompreensível e a moça também não abre a boca ela não fala nada ela não grita ela não dá escândalo nem imagino o que se passa pela cabeça dela.<sup>10</sup>

Na obra “Identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall faz uma reflexão acerca dessa relação: “Eu sei quem “eu” sou em relação com “o outro” [...] O significado é inteiramente instável: procura-se o fechamento (a identidade), mas se é constantemente perturbado (pela diferença).” (1997, p.41).

Entretanto, como dito no início do texto, esses demônios são indissociáveis. Da mesma forma que a personagem acaba jogando a culpa de estar ali graças ao “belo par de coxas”, considera-se mais culpado que o próprio bandido empunhando a arma em sua direção, pois foi injustiçado pelo “modelo neoliberal que enriquece os ricos e empobrece os pobres”. Ao passo em que ele “podia ao menos ter botado vidro à prova de bala”, como enfatiza de forma irônica.

No espetacularizado século XXI, com a imposição de um regime audiovisual carregado de estímulos e informações simbólicas, a própria vida passa a ser constantemente avaliada segundo uma perspectiva que satisfaça as expectativas

---

<sup>10</sup> REZENDE JR., J. A *Mulher-Gorila & Outros demônios*. p.29



cinematográficas. Logo, quando se sente que a vida não tem muito potencial pra virar um filme campeão de bilheteria deixa-se de valorizá-la.

O personagem, sentindo-se mais próximo da morte, torna-se aflito, pessimista, e, juntamente como o eu - lírico da música de Raúl Seixas, espera a morte chegar. Cada vez mais incrédulo e frustrado, sente-se aliviado por não ter que, usando o clichê intencional, ver o filme de sua vida passar diante de seus olhos.

Já li tanta coisa na minha vida li que na hora da morte a vida toda do moribundo passa pela cabeça dele num minuto como se fosse filme ah não definitivamente tudo o que eu não quero é rever o filme da minha vida produção chinfrim uma porcaria de roteiro medíocre elenco sofrível a começar pelo protagonista maldita baixa auto-estima que não me abandona nem agora.<sup>11</sup>

Originou-se uma cultura de consumo desenfreado de bens simbólicos e a apropriação destes como “extensões do corpo” – computadores, celulares, dvd’s, cd’s, aparelhos portáteis com um todo – por serem capazes de armazenar informações como memória e simbolizar identidades. Possuir e usar um celular, por exemplo, tornou-se uma maneira de estar no mundo. Além de estar sempre disponível (sic) para quem tiver o número, o tipo de modelo serve como parâmetro para consolidar um status. E o mesmo ocorre com muitos produtos da contemporaneidade. Dessa maneira então, é claro que a personagem de “59 segundos”, em pleno momento de crise, não poderia deixar de refletir sobre isso.

Comprei secretária eletrônica mas já veio com defeito só pode ser defeito de fabricação. Nenhuma mensagem gravada em tanto tempo agora é o celular que não toca porque também veio estragado ou então porque ninguém telefona pra mim e eu não sei por que insisto em juntar tanta tralha inútil.<sup>12</sup>

Ao adquirir um produto, não está se comprando apenas o material concreto, mas toda a gama de significados e ideologias contidos nele. É fácil notar isso ao assistir qualquer propaganda publicitária que venda celulares na televisão: a grande maioria contém jovens sempre muito alegres e cercados por outros jovens, ou então, apresentam uma família bastante unida – ainda que seus integrantes não morem na mesma cidade –

---

<sup>11</sup> REZENDE JR., J. *A Mulher-Gorila & Outros demônios*. p.29

<sup>12</sup> REZENDE JR., J. *A Mulher-Gorila & Outros demônios*. p.34



na qual desde a criança mais jovem ao adulto mais velho possuem o aparelho de última geração. Todas essas campanhas possuem o objetivo maior de vender o produto e se apóiam em estimular um desejo no consumidor. Mesmo aqueles que não podem pagar, acabam o desejando, pois há uma vontade de pertencimento.

Se quando adquiridos, esses produtos não forem capazes de satisfazer as necessidades do indivíduo e, principalmente, preencher seu ego, os sentimentos de frustração e crise são aprofundados.

Mas por que tudo isso acontece? Qual é o detalhe que acrescentado a presença do outro e da mídia é capaz de gerar tantas crises no sujeito? O tempo. O terceiro dos demônios que o atormenta nesses tão curtos e ao mesmo tempo tão longos segundos.

Entre lapsos de querer sobreviver e lapsos de querer acabar com agonia, o personagem concentra o ponto focal de seu olhar no relógio do painel do carro. E enquanto os segundos vão correndo, ele tem a desconhecida e inusitada impressão de que o tempo parou, a mesma que Carlos Drummond de Andrade utilizou para dar vida ao poema.

evito olhar pra qualquer lugar mantenho os olhos fixos no relógio digital do painel do carro 23:11 [...] só tenho olhos pro relógio digital do painel 23:11 mas como 23:11 ainda 23:11 o tempo parou ou então o tempo continua a correr mas o relógio digital não marca a passagem dos segundos então este tempo todo não durou nem um minuto [...]estranha sensação quanto mais perto o fim mais os segundos custam a passar o relógio digital do painel insiste 23:11 sempre 23:11<sup>13</sup>

Essa sensação é paradoxal ao ser comparada com ritmo de vida atual dos indivíduos que vivem a pós-modernidade. Thompson (1995) discorreu sobre o efeito do Papel da mídia na construção do Self. Ele afirmava que a tecnologia, bem como a sobrecarga simbólica fornecida por ela, é tão intensa que gera um efeito desorientador no indivíduo. O cérebro fica esgotado de receber tantas informações, por que a busca e, muitas vezes, a imposição delas, já que isso demanda um tempo que não o tempo tecnológico.

---

<sup>13</sup> REZENDE JR., J. A *Mulher-Gorila & Outros demônios*. Coletânea de trechos.



Por conseguinte, os indivíduos acabam sempre com a constante sensação de que “falta tempo pra tudo”. E, talvez, por isso o personagem de “59 segundos”, consciente de sua crise de meia-idade, tenha buscado realizar sua vontades antes que fosse tarde demais e já estivesse mais velho que o aceitável (sic).

É, enfim, no ápice do conto que os três demônios aqui citados, manifestam-se todos de uma vez: o tempo revela estar correndo da mesma forma de sempre, o celular –representando a mídia – resolve se manifestar, bem como o assaltante do lado de fora carro – representando o outro.

Como eu vou saber o que o cara considera movimento brusco os conceitos variam de indivíduo pra indivíduo ele já deve ter perdido a paciência se bem que o relógio digital do painel de plástico ainda 23:11 sempre 23:11 [...] a porra do celular toca a Nona de Beethoven até que enfim essa porcaria resolveu funcionar até que enfim alguém liga pra mim [...] levo a mão à cintura pra sacar o celular é quando o relógio digital do painel do carro pula pra 23:12.<sup>14</sup>

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incessante inserção de informações e simbologias no cotidiano da acelerada pós-modernidade gerou uma perda das possibilidades de refletir sobre o mundo e sobre si. Perder alguns minutos para isso tornou-se algo intimidante e, portanto, passível de desculpas para esquivar-se de tal ato.

Quando a personagem do conto de José Rezende Jr. se viu numa situação de extrema vulnerabilidade e ponto máximo de sua vida, iniciou, instantaneamente, um fluxo caótico de auto-reflexão e experiências individuais. O que parecia a princípio ser uma busca e construção do EU, logo tomou o rumo contrário e tornou-se uma desconstrução: seu ego, antes inflado pelo recente gozo com a jovem dentro carro, foi, em 59 segundos posteriores, diminuído até a posição de mero cidadão pagante de impostos, possuidor de uma vida vazia e medíocre.

O processo de formação do self se torna mais reflexivo e aberto, no sentido que os indivíduos dependem cada vez mais dos próprios

---

<sup>14</sup> REZENDE JR., J. A *Mulher-Gorila & Outros demônios*. p.35 e 36



recursos para construir uma identidade coerente para si mesmos. Ao mesmo tempo o processo de formação do self é cada vez mais alimentado por materiais simbólicos mediados, que se expandem num leque de opções disponíveis aos indivíduos e enfraquecem – sem destruir – a conexão entre a formação e o local compartilhado. THOMPSON, 1995, p.95

Após analisar esse processo sobre a perspectiva dos demônios da pós-modernidade, chega-se a uma conclusão de que a ausência de limites resulta numa perda do senso de self, pois em vez desse self propriamente dito, cria-se uma imagem capaz de fornecer uma identidade que seja aceita pelos padrões sociais.

Na cultura atual, tal imagem é imposta como um modo ideal de vida. Contudo, além de sua relação com os outros – retomando as idéias de Sartre – e da noção de livre-arbítrio, na qual o sujeito é responsável por suas escolhas e, portanto, é construído através delas. Acrescentamos o fato de que o indivíduo é responsável também por aquilo que faz de seu tempo e de suas prioridades.

Geertz afirmou que “O homem é um animal suspenso em teias de significado que ele mesmo teceu” (1989, p.4) e Thompson complementou dizendo: “Então os meios de comunicação são as rodas de fiar do mundo moderno, e ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significados para si mesmos” (1995, p.20).

Com esses demônios, a autonomia do indivíduo é a única maneira de evitar contradições e crises, já que ele é livre para criar o próprio estilo de vida e, por conseguinte, a própria identidade. – Todavia, vale reforçar que, como defende Stuart Hall (1997), é possível que existam diversos estilos de vida e de identidades num único indivíduo – sem um self, porém, não há uma identidade.

Os indivíduos/consumidores, “embora sempre sujeitos a determinados padrões de consumo e convenções sociais pré-estabelecidos, têm a capacidade de manipular os bens simbólicos dentro de regras e códigos culturais elaborados por eles mesmos.” (SILVA, 2007, p.2.)



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, H. B. **Telenovela, consumo e gênero**. Bauru, Edusc/Anpoc, 2003.
- ANDRADE, C. D. **Alguma poesia**. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 1989.
- HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A editora, 1997.
- REZENDE JR., J. **A Mulher-Gorila & Outros demônios**. Rio de Janeiro, 7Letras, 2005.
- SIBILIA, P. **O show do eu**. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 2008.
- SILVA, S. R. “**Eu não vivo sem celular**”: **sociabilidade e consumo, corporalidade e novas práticas nas culturas urbanas**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos – SP. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2007.
- THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis, vozes, 1995.
- EUROMONITOR. **Industry Statistics and Interpretation in the Cosmetics and Toiletries Industry**. Disponível em: <http://blog.euromonitor.com/2010/08/join-euromonitor-for-ctfas-webinar-industry-statistics-and-interpretation-in-the-cosmetics-and-toil.html> Acesso em: 23 nov. 2011.
- FÉLIX, L. **Sartre: “O inferno são os outros”**. Disponível em: [http://www.esdc.com.br/CSF/artigo\\_2008\\_02\\_sartre.htm](http://www.esdc.com.br/CSF/artigo_2008_02_sartre.htm) Acesso em: 21 nov. 2011.
- LE MOS, H. **A Tendência Narcisista Da Sociedade Do Espetáculo**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-tendencia-narcisista-da-sociedade-do-espetaculo/7545/> Acesso em: 22 nov. 2011.
- SEBRAE. **Profissionais da beleza**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/setor/servicos/segmentos-apoiados/profissionais-da-beleza> Acesso em: 22 nov. 2011.
- DEBORD, G. **A Sociedade do espetáculo**. França, 88min. 1973.